

Hans Christian Andersen

Hans Christian Andersen



Bicentenário de
Nascimento
1805 - 2005

Biografia



Nascido em Odense, na Dinamarca, no dia 2 de abril de 1805, Hans Christian Andersen viveu um conto de fadas.

Filho de sapateiro e lavadeira, tornou-se um dos mais importantes escritores infanto-juvenis do mundo. Continuou a tradição iniciada por Perrault e pelos irmãos Grimm, que, antes dele, transformaram contos populares, fábulas, anedotas, aventuras em histórias para agradar as crianças.

Aos 14 anos saiu de casa rumo a Copenhagem, onde suas tentativas de enveredar pela carreira artística como ator e cantor foram em vão, até conhecer o diretor do Teatro Real da Dinamarca, Jonas Collin, que pediu ao rei o financiamento de seus estudos. Collin se encantou com uma peça escrita por Andersen, já reconhecendo nele um grande talento para escrita.

Em 1828, aos 23 anos, Andersen entrava para a universidade e um ano depois já começava a publicar seus textos. Em 1833 o rei da Dinamarca presenteou-lhe com uma viagem pela Europa, que resultou numa série de poemas, peças e novelas sobre as impressões da sua viagem.

Mas é em 1835 que o autor começa sua



Nicolau Grande e Nicolau Pequeno

“ - Onde foste arranjar mais dinheiro? perguntou, arregalando os olhos, ao ver no chão o monte de moedas.

- Em vez de matar-me, mataste minha avó esclareceu Nicolau Pequeno. Vendi o cadáver dela por um alqueire de dinheiro.

- Pois foi muito bem pago! disse Nicolau Grande. Foi às pressas para casa, tomou um machado e matou a sua velha avó. Colocou-a num carro, rumou para a cidade, onde morava o farmacêutico, e perguntou-lhe se não queria comprar um cadáver.

- Cadáver de quem? perguntou o farmacêutico

- De minha avó respondeu Nicolau Grande. Matei-a para vendê-la por um alqueire de dinheiro.

- Deus nos acuda exclamou o farmacêutico. O senhor está louco! Não diga semelhante coisa, que poderá custar-lhe a cabeça.”



O Patinho Feio

“ Vou até lá; ao encontro daquelas aves reais. Irão matar-me de bicadas porque eu, tão feio, me atrevo a aproximar-se delas. Mas não me importo. Melhor ser morto por elas que ser bicado pelos patos, pelas galinhas, ou tratado a pontapés pela moça que cuida do galinheiro, ou ainda sofrer miséria no inverno! E voou para a água, nadando em direção aos formosos cisnes, que o viram e lhe vieram, céleres, ao encontro.

- Matai-me se quiserdes! disse ele.

E curvou a cabeça para baixo, para a água, à espera da morte. Mas... Que viu ele na água cristalina? Era a sua própria imagem, refletida ali. Mas não era a de um pato, de um pardo e feio pato. Era um cisne que ele via no espelho da água.

Não importa ter nascido num galinheiro, entre patos, quando se saiu de um ovo de cisne.

Sentiu-se até satisfeito com as angústias e adversidades sofridas. Sentia agora a ventura, as maravilhas que o aguardavam. E os grandes cisnes nadaram ao redor dele, afagando-o com o bico.”



A Pequena Sereia

- Quero! disse a pequena sereia, com voz trêmula, pensando no príncipe e no desejo de ter uma alma imortal.
- Mas lembra-te de uma coisa disse a bruxa. Quando tiveres adquirido forma humana, nunca mais poderás descer ao fundo do mar, ao palácio de teu pai, para junto de tuas irmãs. E se não conquistares o amor do príncipe, aponto de ele por ti esquecer pai e mãe e só em ti pensar o tempo todo, deixando o padre unir vossas mãos, para que vos torneis marido e mulher, não terás nunca a alma imortal! Na primeira manhã depois de ter ele desposado outra, teu coração se despedaçará, e tornar-te-ás espuma na água.
- Quero! disse a pequena sereia, pálida como um cadáver.
- Mas terás ainda que me pagar pelo meu serviço! acrescentou a feiticeira. E não é pouco o que peço. Tens a mais linda voz de todas cá embaixo, no fundo do mar. Imaginas, sem dúvida, que com ela irás fascinar o príncipe! Essa voz é o que vais me dar. Em paga de minha mágica beberagem, peço o melhor que possuis, pois nela tenho de dar-te de meu próprio sangue, para que a beberagem se torne penetrante como uma espada de dois gumes!”



O Soldadinho de Chumbo

Era uma vez um batalhão de vinte e cinco soldadinhos de chumbo, todos irmãos, pois tinham todos nascidos de um só pedaço de cano velho. Traziam a espingarda ao ombro, tinham o rosto voltado para a frente, e ostentavam um bonito uniforme vermelho e azul. A primeira coisa que ouviram neste mundo, quando foi tirada a tampa da caixinha onde estavam deitados, foi uma exclamação de júbilo.

- Soldadinhos de chumbo! gritou, batendo palmas, o menino que os ganhara de presente no dia de seu aniversário. Colocou-os de pé, na mesa. Cada qual era igualzinho ao outro; um, porém, apresentava uma pequena diferença: tinha uma perna só, pois fora fundido por último, e faltara chumbo. Mas ele ficava tão bem de pé, numa perna só, como os outros nas duas; e foi precisamente esse soldadinho que se tornou notável.”



Os Novos trajes do Imperador

“ Mas ele não tem roupa nenhuma! disse uma criança.

- Meu Deus! Falou a voz da inocência! disse o pai da criança.

E cochichou para outro o que a criança dissera.

- Ele não tem roupa nenhuma correu de boca em boca. Uma criança está dizendo que ele não tem roupa nenhuma.

- Ele não tem roupa nenhuma! clamava, por fim, todo o povo
O imperador sentiu um abalo, pois lhe parecia que falavam a verdade.

- Agora tenho que agüentar , até o fim, a procissão murmurou ele.

Aprumou ainda mais o corpo, e os camareiros, solenes, continuaram a segurar o manto que não existia.”



O Rouxinol

“De súbito, porém, soou bem perto da janela a mais doce canção. Era o pequeno rouxinol verdadeiro, pousado no ramo, lá fora. Ele ouvira falar da enfermidade do seu imperador, e viera, por isso, infundir-lhe com o seu canto consolo e esperança. À medida que ele cantava as figuras foram desaparecendo cada vez mais, o sangue circulava com maior rapidez no corpo enfraquecido do imperador, e a própria Morte, escutando o canto, disse por fim:

- Continua, pequeno rouxinol, continua!”



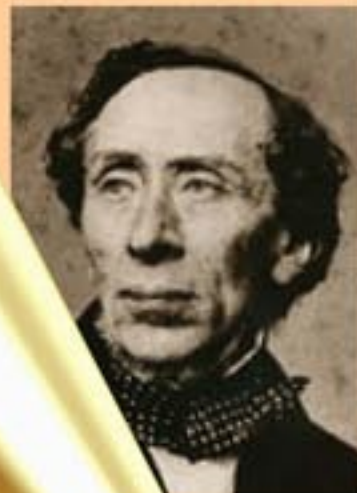
A Princesa e o Grão de Ervilha

“Nada disse, porém. Foi ao quarto, tirou toda a roupa da cama e colocou um grão de ervilha sobre o estrado. Depois, tomou vinte colchões e colocou-os seguidamente por cima da ervilha. Sobre os colchões, colocou vinte acolchoados de pena. Ali a princesa devia dormir aquela noite.

Pela manhã, perguntaram-lhe como tinha dormido.

- Muito mal! disse ela. Não pude pregar olho a noite toda! Sabe Deus o que havia naquela cama! Estive deitada sobre alguma coisa dura, que me deixou com o corpo marcado. Um horror!

Viram então que se tratava de uma verdadeira princesa, já que ela sentira o grão de ervilha através de vinte colchões e vinte acolchoados. Só mesmo uma verdadeira princesa teria uma pele tão sensível!”



Histórias que o Vento Contou

“Não ouves o Vento contar histórias?

Sua voz é um canto, tem vários sons. Ouvido entre as árvores da floresta, tem um som: através dos buracos, das fendas e rachaduras das paredes, tem outro.

Vês, lá no alto, o Vento tangendo as nuvens como se fossem um rebanho de ovelhas? Ouves como aqui embaixo o vento uiva através do portão aberto, como se fosse a sentinela tocando a sua corneta? Com estranho gemido entra pela chaminé da lareira. Erguem-se as labaredas, o fogo crepita, voam fagulhas, o clarão das chamas ilumina todo o aposento. Como é bom e agradável deixar-se ficar ali no aconchego da sala aquecida, e ouvir, embevecido, o Vento lá fora, a assobiar, a uivar... Ele conhece mais lendas e histórias do que todos nós juntos. A voz dele é um canto e um gemido. Deixa-o contar.

- Uh... Hu-u-u... Lá vai! Lá vai!”



Mindinha

“- É uma bonita flor comentou a mulher, beijando-lhe as lindas pétalas vermelhas e amarelas.

No momento em que beijou, a flor deu um grande estalo e abriu-se toda. A mulher viu então que se tratava de uma verdadeira tulipa. Mas, bem no meio da flor, estava sentada uma menina tão pequenininha, tão miudinha e delicada, que não tinha mais de uma polegada de comprimento. Por ser assim tão pequenina, foi chamada Mindinha.”



A Menina dos Fósforos

“Ela acendeu outro fósforo. Viu-se sentada sob os ramos da mais linda árvore de Natal. Era ainda maior e mais enfeitada que a árvore que ela vira através da porta envidraçada, na sala do rico negociante, no Natal passado. Milhares de velas ardiam nos ramos verdes, e figuras coloridas, como as que adornam as vitrines das lojas, a fitavam. A pequena estendeu as mãos para o alto mas nisto o fósforo se apagou. As velas de Natal foram subindo, cada vez mais, e ela viu que eram estrelas cintilantes. Uma delas caiu, traçando um longo risco de fogo no céu.

- Deve ter morrido alguém disse a pequena.

A velha avó, única pessoa que lhe quisera bem, mas que já estava morta, costumava dizer: “Quando uma estrela cai, sobe aos céus uma alma.”



Os Sapatos Vermelhos

“ Dançarás! disse o anjo. Dançarás com teus sapatos vermelhos, até estares pálida e fria, até tua pele enrugar-se como a de um cadáver. Dançarás de porta em porta, e, onde morem crianças soberbas, vaidosas, baterás à porta, para que te ouçam e tenham pavor de ti! Dançarás, dançarás sempre...”

- Misericórdia! implorou Karen.

Mas não ouviu o que o anjo respondeu, pois os sapatos já a levavam, através do portão, aos campos, cruzando caminhos e atalhos, fazendo-a dançar continuamente, sem interrupção.”



Cada Coisa em Seu Lugar

A pobre menina dos gansos caiu para trás, mas na queda estendeu os braços e agarrou por acaso um galho pendente do salgueiro. Firmou-se nele, conseguindo ficar acima da lama. Assim que homens e cães estavam bem além do portão, ela tentou, com grande esforço, subir de novo à margem seca. Mas o galho quebrou na copa da árvore, e a menina tombou, pesadamente entre os juncos. Naquele momento, porém, agarrou-a a mão vigorosa de um homem. Era um mercador ambulante, que, de certa distância, a tudo assistira e se apressava a vir acudi-la.

- Cada coisa em seu lugar! disse ele, zombeteiro, arremedando o castelão, e puxou-a para terra firme.”



João Pato

“- Isso sim! disse a princesa. Sabes responder, sabes falar. Quero-te para meu marido. Mas sabes que cada palavra que dissemos e vamos dizer, é anotada, para sair no jornal? Junto a cada janela vês três escriturários e um velho mestre de corporação. Ele é o pior de todos, pois nada compreende. Os escriturários gargalharam e deixaram cair pingos de tinta no soalho.

- Devem ser os donos da casa disse João-Pato. Por isso, vou dar o melhor ao mestre.

Dizendo isso, virou os bolsos e atirou-lhe o lodo no rosto.

- Bem feito disse a princesa. Eu não seria capaz disso. Mas hei de aprendê-lo.



O Isqueiro Mágico

“Certa noite, era grande a escuridão e ele nem uma vela podia comprar! Lembrou-se então que havia um coto no isqueiro da bruxa. Foi buscá-lo, tateando, mas no momento em que acionou o isqueiro, saltaram faíscas por toda a parte. Abriu-se a porta e apareceu-lhe o cão de olhos tão grandes como xícaras de chá, que lhe perguntou:

- Que ordena, meu senhor?

O soldado ficou estupefacto.

Que estranho isqueiro era aquele? Podia pedir então o que quisesse?

- Arranja-me algum dinheiro disse ao cão.

E zás! O cão sumiu e logo reapareceu com um saco de moedas de cobre na boca.”



Os Cisnes Selvagens

“Voai pelo mundo a fora , e cuidai da própria vida! disse aos príncipes a rainha má. Voai como grandes aves, sem fala! Não conseguiu, porém, a rainha, fazer todo o mal que queria; e os príncipes se transformaram em onze belíssimos cisnes selvagens. Com estranho grito, saíram voando pelas janelas do palácio, por sobre o parque e a mata.

Pela manhã, bem cedo, passaram pela herdade onde a irmã Elisa dormia, em casa dos camponeses. Voaram sobre o telhado, virando o longo pescoço e batendo as asas, mas ninguém os viu ou ouviu. Tiveram então de partir. Voaram para as alturas, para as nuvens, pelo vasto mundo a fora, chegando a uma grande e sombria floresta, que se estendia até a costa.”



A Pastora e o Limpador de Chaminés

“Por cima deles estendia-se o céu com todas as estrelas. Os telhados da cidade espalhavam-se lá embaixo. Olharam ao longo, e viram o mundo em sua vastidão. A pobre pastora nunca o imaginara tão grande assim. Encostou a cabecinha no ombro do seu querido limpador de chaminés, e chorou, chorou tanto, a ponto de sair-lhe o ouro da cintura.

- É demais! disse ela. Não o posso suportar! O mundo é grande demais. Quem me dera estar de novo na mesinha, embaixo do espelho! Não estarei contente antes de lá me achar outra vez. Agora, que te acompanhei até o vasto mundo, podes bem levar-me de volta a casa, se é que gostas de mim.”

Designer Gráfica - Bernardino Nery



Bibliografia



A obra de Andersen é muito extensa, formada por mais de 160 contos traduzidos em 150 línguas. Sofreu incontáveis adaptações que, muitas vezes, alteraram títulos e enredos. Dentre os seus contos, destacam-se:

- | | |
|------------------------------------|------------------------------|
| A Agulha de Cerzir | O Boneco de Neve |
| A Colina dos Elfos | O Companheiro de Jornada |
| A Menina dos Fósforos | O Guardador de Porcos |
| A Pastora e o Limpador de Chaminés | O Homem da Areia |
| A Pequena Sereia | O Isqueiro Mágico |
| A Princesa e o Grão de Ervilha | O Jardim do Paraíso |
| As Cegonhas | O Menino Mau |
| As Flores da Pequena Ida | O Patinho Feio |
| As Galochas da Fortuna | O Pinheirinho |
| Cada Coisa em Seu Lugar | O Regimento da Roseira |
| Histórias Que o Vento Contou | O Rouxinol |
| João e Maria | O Sino |
| João-Pato | O Soldadinho de Chumbo |
| Mindinha | Os Cisnes Selvagens |
| Nicolau Grande e Nicolau Pequeno | Os Namorados |
| O Anjo | Os Novos Trajes do Imperador |
| | Os Sapatos Vermelhos |
| | Os Saltadores |



Depoimento



“Em cada conto
O encanto de uma nova história
Narrativa atemporal
Marco de gerações várias
Andersen fabula sonhos, vida, utopias
Matéria-prima extraída do cotidiano
Crianças, adultos, novos, velhos
Indistinto público leitor
Mistura de gêneros
Trânsito sem fronteiras
Parábolas universais
Pura emoção
Fina ironia
Tristezas e cicatrizes
Inesquecível o impacto do Patinho Feio
Além do livro roto, o disco colorido gasto
Ouvido e reouvido mantricamente
A triste e comovente história
No, entanto, um happy end concedido
Uma nesga de esperança ainda remanescente nos
sombrios dias de hoje”

Eleonora Santa Rosa
Secretária Estadual de Cultura



Exposição itinerante comemorativa do bicentenário
de nascimento de
Hans Christian Andersen
1805 2005

Há 200 anos, em 1805, nascia Hans Christian Andersen. Hoje, 2005, a Superintendência de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Estado de Cultura oferece aos leitores das bibliotecas públicas municipais de Minas Gerais - uma rede de mais de 700 instituições - esta exposição elaborada com o apoio da Editora Ática em homenagem a um sonhador que vem encantando crianças e adultos.

São contos que sobrevivem a décadas de mudanças, temores, incertezas, conflitos, avanços tecnológicos. Lidos por gerações de pessoas que tem em comum a paixão pelo livro, esse amigo silencioso que nos conduz a outros tempos, outros mundos, entrelaçando vidas, personagens, sentimentos. Alegres ou tristes, isso não importa, nossas leituras são parte do que somos.

É bela a herança cultural que Andersen nos deixou e que a Biblioteca Pública tem o prazer de divulgar. É justo o tributo a esse grande nome da literatura infantil.

Ficha Técnica



Exposição itinerante comemorativa do
Bicentenário de nascimento de Hans Christian Andersen
1805 2005

Aécio Neves
Governador do Estado de Minas Gerais
Eleonora Santa Rosa
Secretária de Estado da Cultura
Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Superintendente de Bibliotecas Públicas

Coordenação Geral: Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
Márcia Caldas de Melo

Textos: Ana Helena Miranda

Design Gráfico: Bernadete Nery

Ilustração: Eliardo França

Coordenação de Circulação: Auri Maria Santos Vale
Amaral

Apoio: Editora Ática

SABE Associação de Amigos da Biblioteca Pública
Estadual

Agradecimentos: Heloísa Carreira dos Reis, Graça Maria
Fragoso, Keyla Pitanga Monadjemi, Thaís Pitanguí de
Andrade, Drusília Mattos Braga Xavier, Marcos Vinícius
Cortezi, Ana Josefina D'Assunção Leite, Marcus Vincius M.
da Silva, Ione Rinco A. Vieira